

Ser psicanalista: ofício, vida, mistério

Maria do Carmo Andrade Palhares¹

RESUMO Ser antes de tudo, condição fundante para praticar um ofício, realizar a vida, sustentar o mistério. Ao longo deste trabalho, desdobramos esse processo sendo uma psicanalista buscando a contribuição de outros psicanalistas e escritores que adentram o campo do humano com sinceridade e intensidade. Daí surge, no *setting*, o valor da confiança entre analista e paciente. O vislumbre de uma experiência clínica expressa esses gestos de contato na tentativa de recuperar os afetos do paciente através da emoção sentida e comunicada pela analista. Essa é a aposta para uma psicanálise viva.

PALAVRAS-CHAVE: ser; psicanalista; confiança; clínica; humano.

*“Não vá mostrar todos os lados das coisas,
preserve, você, uma margem de indefinição.”*

Jean-Luc Godard (2022)

O fluxo do viver imprime momentos que nos conduzem a uma viagem ao informe, ao clivado, ao recalcado, percalços do imprevisível e do imponderável. Revelam marcas, registros, vestígios. No nosso ofício esses elementos transitam por histórias, memórias, vazios, presenças, intimidades. Pode ser que sem dizer lugares do silêncio se expressem assim: “Deixe em paz meu coração que ele é um pote até aqui de mágoa e qualquer desatenção, faça não, pode ser a gota d’água” (Chico Buarque, 1975). Diante desse sentimento oculto ou explícito, aquecemos nossa escuta ao reconhecer e considerar essa imagem de

1. Psicanalista, Membro Associado da SBPRJ. Docente do curso sobre Sándor Ferenczi no Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

si. Tato humano captar e relançar os afetos que respeitem formas de ser e de sentir. A vivência desse contexto interno engendra ambiguidades, ora busca-se encontro e proximidade de experiências que sustentem processos enriquecedores da subjetividade, ora evita-se encontros que possam promover fusão, transfusão, dependências, experiências que coloquem em risco uma frágil estabilidade emocional. Resultado: busca de afastamento do outro, de situações consideradas ameaçadoras à integridade interior. Uma paciente me diz, repetidamente: “eu me entoco, me escondo”. Percebo seu medo de ser tocada emocionalmente e, assim, ser afetada internamente. Ou mesmo desintegrar-se. Pode ser “*a gota d’água*”.

Aqui deparamo-nos com a complexidade e o mistério do encontro humano como possibilidade de praticar a vida ao reconhecer o timbre do tempo e a atmosfera dos afetos. Além de identificar as sombras que impedem os pacientes de viver circunstâncias favoráveis aos seus sonhos e desejos. A empatia e a cautela nos ajudam a encontrar a fenda diante do muro-impasse relacional.

A perspectiva relacional empreendida pela psicanálise valoriza a construção do vínculo entre analista e paciente, movendo-se em direção ao ponto de vista do paciente. Diante do que vemos, percebemos, sentimos, construímos um olhar de cumplicidade com o paciente, mirando ao seu lado os lugares das suas experiências e relações precoces ou atuais. Gestos, expressões, palavras fornecem uma imagem de si, projetam imagens do outro, revelam um percurso existencial. Com os elementos apresentados na sessão de análise buscamos construir uma conversa. Conversa que pode ser banal, dramática, sensível, estranha, e até mesmo silenciosa, mas da parte do analista espera-se presença viva. Mesmo diante do insólito, do incompreensível, da indiferença, da agressividade tentamos sustentar um processo interacional. Somos e estamos, muitas vezes, diante do mistério nosso e do paciente, deixando espaço para a indefinição do encontro, vivências do não-saber, aceitação da fragilidade e precariedade do vínculo permeado pela presença de potencial ruptura ou esvaziamento relacional. Transitamos por inúmeros personagens que um mesmo indivíduo apresenta pelos diversos “palcos” que transitou ao longo do seu encontro consigo mesmo ou com o outro. Fragmentos, pedaços, conteúdos em busca de uma escuta, de um olhar confiável diante da insuficiência de si.

Ferenczi, ao longo de sua obra teórico-clínica, vai destacar o valor da confiança como sustentação de vivências humanas, algumas vezes, insuperáveis. Quando alguém projeta uma imagem de si num encontro analítico, procura aceitação. Ferenczi (1928/1992) insiste: não desmentir, não invalidar

esses momentos que abrigam ansiedade, medo, hostilidade, vergonha, ódio, emoções que podem favorecer um colapso emocional. Resistências decorrem da ameaça de uma ruptura psíquica. A visão ferencziana acolhe em si esses sentimentos ao enfatizar – “sentir dentro” – como possibilidade de o analista hospedar o paciente em sua interioridade. Nesse contexto, repousa o fundamento do ato analítico – configura-se o psicanalista introjetivo. O poeta acende o farol ao dizer: “Me dê só dois palmos do seu sono, para que eu sonhe com você” (Freitas Filho, 2021).

Aqui podemos destacar “a felicidade da confiança”, expressão proferida por Ferenczi como algo indispensável para uma entrega autêntica na cena analítica, tanto para o analista como para o paciente. Crer em, experiência vital. Em seu percurso descrito, minuciosamente, no *Diário clínico* (1932/1990) comunicava: vamos errar, mas vamos tentar sinceramente.

Assim, no seu *Diário clínico*, Ferenczi deixa um testemunho do seu trabalho fazendo coincidir o eu que escreve com as vozes dos seus pacientes, revela-se uma polifonia ao contar histórias sob diversos pontos de vista, seu e dos pacientes. Ao capturar vidas e sentimentos favorece a escuta do som e do tom dessas vozes que colidem entre o sonho e a realidade traumática experimentada por esses analisandos. Em muitos momentos atrapalhou-se, misturaram-se histórias do analista e dos pacientes. Insistiu em viver uma realidade compartilhada junto ao paciente – mutualidade na veia – considerando que os analistas são o produto desse autêntico risco relacional. Não aceitava, portanto, a hipocrisia profissional. Optou por uma descrição clínica que atravessava situações e sentimentos dentro e fora de si. Daí decorrem fracassos e imperfeições que quebram a formalidade, a distância, o gelo de certas narrativas clínicas. Ao final, essas narrativas emocionam. Vislumbro um psicanalista instigado e desafiado pelo adoecimento psíquico, seu e do paciente.

Antonino Ferro (2003) resgata essa compreensão ao escrever:

Uma micro-transformação não acontece em função de uma decodificação interpretativa, mas simplesmente captando a emoção que o paciente está vivendo naquele momento [...] creio que é muito importante dar ao paciente, num primeiro momento, o reconhecimento de que nós recebemos sua mensagem, seu recado manifesto [...] No fundo, é o que Bion chama de “estar em uníssono”. Eu penso que é a soma de repetidas experiências de micro-transformações que permite o desenvolvimento de continente e, portanto, depois a possibilidade de conter todos os conteúdos imagináveis. (p.16)

Estar em uníssono é trabalhar num campo que vai do intrapsíquico ao intersubjetivo, tentando alcançar o paciente em sua profundidade, sendo ele, o analista, o outro que deixará o paciente experimentar-se, redescobrir-se, percorrendo o próprio solo da sua existência que vai do silêncio das entranhas à aventura relacional. Tati Bernardi (2022), escritora, criativamente, acrescenta: “Apaziguar a parte do outro que se sente louca e desamparada sempre será a carícia mais sublime e civilizatória que existe. E um jeito digno de acalmar o que também dói em nós” (p. 3).

Essa afirmação contempla, em uníssono, a linguagem da ternura valorizada por Ferenczi e a ética do cuidado entoada na canção de Chico Buarque. Ética, criação e cuidado são elementos fundantes do psicanalisar ao transitarmos pela plasticidade dos afetos. Percebe-se a superposição do tempo e do espaço no encontro humanizante desses autores sensíveis à condição do ser vivente envolto em necessidades e desejos. Clarice Lispector (1969) finaliza: “ela vivia um estranhamento no peito: a vida” (p. 32).

O delineamento realístico do *self* não pode ser separado do delineamento do objeto, algo nuclear para o ato de conhecer e viver. Poderíamos afirmar que só conhecemos e vivemos de maneira significativa a porção do mundo que conseguimos criar. Contornando essa compreensão, Winnicott (1966/1988) percorre o trajeto do inominável até o advento do símbolo, potencializando o vínculo com o outro, ao dizer: “O importante é que eu sou não significa nada, a não ser que eu, inicialmente, seja juntamente com outro ser humano” (p. 9). Tal citação enfatiza o trajeto para a intimidade consigo mesmo na busca da construção do sentido de existir a partir da presença do outro, em uníssono.

Aqui, alargamos as fronteiras dualísticas, interno e externo, introduzindo a possibilidade de habitar o paradoxo. Dísparos, distantes entre si, elementos opostos revelam pontos de vista em contraste; do trânsito livre por essas oposições nasce o sentido da diferença. Testamos a capacidade de sustentar mutuamente a tensão e o movimento entre subjetivo e objetivo, onipotência e realização, alucinação e experiência, continuidade e descontinuidade, união e separação, o valor do subjetivo e o valor da realidade. Sob o olhar dialético do paradoxo encontram-se afinidades secretas entre o percurso dessas polaridades que se completam nutrindo a criatividade humana. Abarcando toda essa trajetória, Winnicott (1966/1988) enfatiza: “O meu ofício é ser eu mesmo” (p. 43). Daí surge a implicação terapêutica da pessoa do analista. Cada encontro analítico envolve a singularidade do par analista-analisando, revelam pessoas. Alguém diante de alguém. Portanto, uma obra humana única e singular trans-

borda para além das teorias. Vale dizer, introduzindo a pulsação da vida e do mistério desse ofício.

As primeiras palavras importam. Escritas ou faladas. Manoel de Barros (2003) diz: “Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou” (p. 26). Assim, nos reunimos a Freud. O primeiro psicanalista ao percorrer o fio invisível do inconsciente abre o século XX com palavras sobre o sonhar humano, inserindo no cotidiano a revelação dos sonhos e suas enigmáticas imagens. Escrevendo e manejando com interesse e curiosidade as várias camadas da vida mental, Freud (1900/2018) lembra-nos de que mesmo um ato mínimo, uma vivência banal compõe um interior complexo dentro do homem que amplia a substância do tempo e dilata a espessura do espaço. Nesse sentido, a psicanálise constrói o aspecto subjetivo da duração do encontro analítico, revelando a possibilidade de mudança a cada relação transferencial. Sendo os mesmos, somos outros a cada nova situação como condutora de ideias, sentimentos e afetos. Ser analista nos convoca a extrair desse contexto uma beleza estranha, gestos inusitados, palavras inauditas para compor um desafio interno e relacional autenticamente significativo na busca de promover o crescimento do paciente e da díade psicanalítica. Vislumbramos a apropriação e a expansão vital do corpo e da alma, considerando-se os processos cocriativos da dupla analítica.

Vale a pena recuperar a clínica. Um pequeno vislumbre ilustra nossas palavras. Farid, uma paciente que venho atendendo há longo tempo. Esse nome me veio rapidamente. Era uma moça muito singular no seu estilo de vida. Ela despertava em mim: estranhamento, afeto, admiração, e às vezes exaustão!

Farid, diante do acidente sofrido por seu pai, desmarca nossa sessão. Seu pai fora atropelado, estava no hospital em estado grave. Suas mensagens eram desoladoras. Ele seria operado, corria risco de vida. Ela escrevia: “Estou destruída... devastada... não estou conseguindo falar, só fico chorando. Quando der, te ligo, não posso sair daqui”.

Farid tem 37 anos, mora sozinha, sua relação com os pais é intensa. Os pais são protetores e provedores de muito afeto e materialmente ajudam muito. A paciente é muito centrada nos cuidados com ela mesma: corpo, a casa, tenta uma vida profissional independente com grande preocupação com sua autonomia. Mantém uma vida mais solitária; apresenta dificuldades nas relações quando não correspondem às suas expectativas afetivas ou profissionais. Em muitos momentos, isola-se. Aos poucos, passou a confiar em mim e na análise, isso favoreceu seu processo analítico em termos de continuidade e profundida-

de. Mas, em muitos momentos, recua, defende-se na indiferença, ou apresenta mau humor e agressividade, travando o fluir do encontro analítico.

Diante desse acontecimento-acidente com seu pai, temi pela estabilidade emocional de Farid. Ela passou a se comunicar comigo por mensagens. Nesses momentos, expressava seu desespero. Eu respondia com palavras de alento e proximidade. Muito bem assistido medicamente, seu pai foi se recuperando. Farid participou intensamente dessa recuperação. Ao lado da mãe, acompanhou toda a evolução clínica do pai. Após um mês e meio de ausência, voltou à análise.

No dia do seu retorno, eu estava inquieta, sentindo uma emoção interna. Afinal, eu acompanhava Farid desde sua juventude; conhecia a força do seu relacionamento com os pais.

Ao entrar, ela esboça um leve sorriso. Sua fisionomia estava séria, fechada. Sentou e começou a falar do seu trabalho. Fiquei em silêncio. Ela não parava de falar das suas insatisfações profissionais. Em determinado momento, menciona: “quando eu estava no hospital com meu pai”, engata uma fala rápida e prossegue falando sobre o trabalho. Perguntei-me: “Onde estava a Farid de dois dias atrás? Desesperada, chorosa, demonstrando grande sofrimento, me enviando mensagens comoventes”. Perguntei-lhe, então: “Como está seu pai?”. Ela me olhou demoradamente, já falava sem parar há 20 minutos. Começou a falar sobre os detalhes da saída do hospital, do excelente atendimento médico, das cirurgias. De modo racional e distante, narrava objetivamente. Houve uma relutância em responder à minha pergunta, criando uma atmosfera fria e caricatural. Fui tomada por grande emoção. Disse-lhe: “Sabe, Farid, a sua dor filial me fez reencontrar um momento que também vivi com meu pai. Assim como você, tive medo de perdê-lo. Assim como você, eu o amava muito...”. Antes que eu acabasse de falar, Farid começou a chorar. Disse: “Foi um milagre ele ter se recuperado. Está cheio de cicatrizes, mas está vivo. Em casa. Foi um milagre”.

Farid, também, estava cheia de cicatrizes. Bloqueava seu sofrimento fechando a abertura às suas dores que suas mensagens abriram dentro de mim.

Lembrei-me de Manoel de Barros: Farid desamparou o que revelou em suas mensagens, não conseguiu sustentar sua dor traumática. Projetou em mim o que estava difícil de sentir: emoção, sofrimento e desamparo. Precisei oferecer minha emoção, minha experiência de dor para que ela reencontrasse dentro de si mesma os seus sentimentos de medo e angústia vividos nesse último mês de sua vida. Minha voz surgiu emocionada. Esse envoltório sonoro carregado de tons afetivos também produziu um efeito subjetivo. Assim, segundo Winnicott e Ferro, vivemos uma experiência juntas, em unísono.

Em seguida, revelou-me: “Minha mãe não chorou. Fui a primeira a receber a notícia do acidente, logo pensei em minha mãe. Você sabe como eles são ligados. Mas ao dar a notícia, ela quis logo ir para o hospital. Não chorou. Ficou abalada, mas firme. Até agora, não chorou”.

Bolognini (2013/2021) contribui para esse momento:

As nossas coisas que fazem parte de nós e que tentamos expulsar ou exilar, nos seguem, nos perseguem, nos pressionam, enquanto não voltam para casa, ou, melhor dizendo, para dentro de nós. E, mais cedo ou mais tarde, elas encontram uma forma de acesso para se reconectar com o resto de nós. O fato é que, para recebê-las de volta, definitivamente temos que derramar muitas lágrimas: são reabsorções dolorosas. (p. 51)

E agora, ali, no nosso encontro presencial, Farid pôde chorar e dizer: “não sei o nome do tanto que sofri... [volta a chorar] pensei que já tinha passado, mas está tudo muito vivo”.

Saramago (1995) finaliza um documentário, dizendo: “Dentro de nós tem uma coisa que não tem nome, é o que somos”

Somos, sentimentos e transitoriedade! Duração! Impermanência! Freud, em seu texto *Sobre a transitoriedade* (1916/2010), nos diz: “O valor de transitoriedade é valor de raridade do tempo. A limitação da possibilidade da fruição aumenta sua preciosidade [...]. Se existir uma flor que floresça apenas uma noite, ela não nos parecerá menos formosa por isso” (p. 249).

Essas palavras ganham uma refinada dimensão relacional. Acrescentemos: ali, no *setting* analítico, a experiência de sobreposição de duas vivências, do analista e do paciente, vai se encontrar no tempo de um instante comum, num lugar de sentido comum.

Farid e eu ancoramos um momento de dor dentro da realidade subjetiva de cada uma, duas pessoas diferentes encontrando-se numa realidade compartilhada. Segundo Freud (1916/2010): “Também o que é doloroso pode ser verdadeiro” (p. 248). Portanto, humano. E assim, passível de transformação mútua, revelando o sentido de um vínculo que enriquece e nutre o processo de simbolização. Processo indispensável para a continuidade e renovação do viver sendo psicanalista criativo na busca de percorrer um caminho estético-poético. Aqui, acreditamos em momentos, cujo fluxo relacional demanda humanizar, antes de psicanalisar. Ser, antes de fazer, assume a importância de um ato de criação. Essas passagens vividas no *setting* analítico têm a função de restaurar a

continuidade de si, favorecendo a expansão íntima do existir. A conquista dessa experiência subjetiva devolve ao paciente o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida no campo vivo das dores e das alegrias.

Ao sair, Farid abraçou-me em silêncio. Nesse momento, um pequeno vislumbre no tempo – ser psicanalista.

Ser psicoanalista: ofício, vida, misterio

RESUMEN Ser, antes de más nada, condición fundante para ejercer un oficio, realizar la vida, sustentar el misterio. A lo largo de este trabajo desplegamos este proceso como psicoanalista, buscando el aporte de otros psicoanalistas y escritores que se adentran en el campo humano con sinceridad e intensidad. Surge, de ahí, en el setting, el valor de la confianza entre analista y paciente. El vislumbre de una experiencia clínica expresa los gestos de contacto como un intento de recuperar los afectos del paciente a través de la emoción sentida y comunicada por el analista. Esa es una apuesta por un psicoanálisis vivo.

PALABRAS CLAVE: ser; psicoanalista; confianza; clínica; humano.

Being psychoanalyst: occupation, life, mystery

ABSTRACT To be, above all, a fundamental condition to practice one's craft, carrying out life, sustains the mystery. Throughout this work, we unfold this process of being a psychoanalyst seeking input from others psychoanalysts and writers who enter the human field with sincerity and intensity. Hence, in the setting, the value of trust between analyst and patient. The glimpse of a clinical experience expresses these contact gestures in an attempt to recover the patient's affection through emotion felt and communicated by the analyst. This is a gamble for living psychoanalysis.

KEYWORDS: being; psychoanalyst; confidence; clinic; human.

Referências

- Barros, M. (2003). *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta.
- Bernardi, T. (2022). Para Virgínia e Valentina. *Folha de São Paulo*, 14/10/2022.
- Bolognini, F. (2021). Inauditum / inaudível!!!... Consciência, percepção, integração. A análise como uma experiência pós-traumática. *Trieb*, 20(1): 47-65. (Original publicado em 2013.)
- Buarque, C. (1975). Gota d'água. *Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo*. Rio de Janeiro: Philips Records.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1932.)

- Ferenczi, S. (1992). Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras completas* (vol. IV). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1928.)
- Freud, S. (2010). Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*(Obras completas, P. C. Souza, trad., vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1916.)
- Freud, S. (2018). A interpretação dos sonhos (W. I. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1900.)
- Ferro, A. (2003). *O pensamento clínico de Antonino Ferro: conferências e seminários*. São Paulo: Caso do Psicólogo.
- Freitas Filho, A. (2021). *Cristina – 21 poemas*. Edição artesanal de 20 exemplares destinada aos amigos.
- Green, A. (2002). *La pensée clinique*. Paris: Editions Odile Jacob.
- Godard, J. L. (2022). *História(s) do cinema*. Rio de Janeiro: Círculo de Poemas.
- Lispector, C. (1969). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Winnicott, D. W. (1988). *Os bebês e as mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966.)
- Winnicott, D.W. (1988) *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966.)

Recebido: 18/11/2022

Aceito: 04/12/2022

Maria do Carmo Palhares
mcarmoandrade@gbl.com.br